



Quero lembrar êste momento...

...com uma câmara Kodak Instamatic. E como é simples fixar êsses momentos para sempre com uma câmara Kodak Instamatic. Nada mais fácil. E a sua câmara Kodak Instamatic está tão perto quanto o seu Revendedor Kodak mais próximo.



Basta encaixar o cartucho na câmara e fotografar. Para fotòs internas, utilize o dispositivo de "flash" adequado ao seu tipo de câmara.



Ruth Escobar e Joe Kantor

apresentam

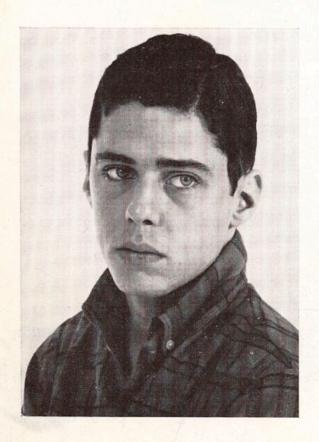
Roda Viva

English Lavender Atkinsons é para homem de indiscutível bom gôsto. E de agora em diante, vem também nesta máscula embalagem.



Moderna embalagem de viagem (travel flask).





— Chico, você está trocando o imenso público das televisões pela platéia reduzida de um teatro?

— O ideal, é claro, seria que o público de TV frequentasse teatro. Mas diante da opção, desta vez fiquei com o pequeno palco. Você sabe, à medida que se conquista um público maior, menor é a possibilidade que se tem de transmitir algo sinceramente seu. No momento prefiro dizer mais coisa a menos gente.

— E com essa peça você pretende criticar o que se faz atualmente em música popular brasileira?

— Não pretendo julgar música alguma e nem me coloco em posição para tanto. Sendo o personagem central um cantor, é natural que cante motivos e ritmos do momento. Procurei portanto parodiar modelos de iê-iê-iê, canção de protesto, "som universal", etc., usando chavões de cada um dêsses gêneros (que todos os tem) brinco inclusive comigo mesmo, dentro do tom que o espetáculo pede.

— E você não se define por nenhuma dessas correntes?

 Aqui n\u00e3o entra em quest\u00e3o o valor musical de coisa alguma. O meu iê-iê-iê, por exemplo, tem uma letra boboca. Mas os compositores brasileiros dêsse gênero (que não são, como querem uns, monstros dispostos a destruir a nossa música autêntica) pretendem apenas compor cancões alegres, inocentes e dancantes. Já os compositores que se dizem sérios, correm com essa seriedade o seu maior perigo. Vários valores indiscutíveis, pesquizam realmente a linguagem do povo para lhes devolver em forma de canção. E que se tristeza é assistir meses depois, seu trabalho desbotado num programa de domingo à tarde na televisão, bailarinas cansadas balançando as pernas, prá lá e prá cá, em ritmo de protesto. É por isso que me incluo no rol dos debochados. Um mês depois de composto, meu samba já não é meu. É mercadoria exposta ao consumo, desgaste, ridículo e rejeite.

— Você não acha que está colocando em jôgo seu nome?

— É um risco necessário. Estou certo que meu nome como compositor atrairá um público que não há de encontrar o que espera. Mas eu acho que vale a pena romper às vêzes com a própria imagem, principalmente quando essa imagem é criada pelo gosto fácil da televisão. Eu não quiz fazer "show", nem mostrar um samba novo. Eu quiz fazer teatro na linguagem própria do teatro.

— Trata-se duma primeira experiência? Outras se seguirão?

— Foi uma primeira experiência que poderá se repetir. O texto foi escrito com entusiasmo, ainda há muito a aprender. O trabalho com José Celso e Flávio Império já me valeu muitas lições. Dotados de notável espírito criador, deram a vida que faltava ao texto. E assisti com espanto a cada fase crescente da comédia pequenina, que resultou num espetáculo em que acredito plenamente.

Durante 24 horas, diáriamente, inclusive sábados, domingos e feriados, pelo telefone 62-3171,

poderão ser feitas as reservas de lugares
para a peça

RODA VIVA



JOE KANTOR

Produziu A grande chantagem (Clifford Odets), direção de Antunes Filho; Os inimigos (Máximo Gorki), direção de José Celso Martinez Corrêa; O fardão (Bráulio Pedroso), direção de Antônio Abujamra; Dois na gangorra (William Gibson), direção de Osmar Rodrigues Cruz; O ôlho azul da falecida (Joe Orton), direção de Antônio Abujamra; espetáculo em homenagem a Procópio Ferreira, com o maior elenco de teatro já apresentado no Teatro Municipal (direção de Ruy Affonso), que contou com a presença do Governador Abreu Sodré e Exma. Sra. Maria do Carmo de Abreu Sodré. Foi o produtor brasileiro do filme Os americanos, com Glenn Ford.

Faz parte do Ballet de São Paulo, Comissão Estadual de Teatro e é o Delegado do Serviço Nacional de Teatro em São Paulo.

E agora RODA VIVA!



RUTH ESCOBAR

LANOVER indústria de malhas



Rua Ribeiro de Lima, 691 - Fone 32-4124 São Paulo

- O que você acha de Chico Buarque autor teatral? "Roda Viva" pode ser chamado de um passo gigante para quem inicia?
- Não acredito hoje em dia em separação de gêneros de arte — teatro aqui. cinema lá, etc. Hoje tudo se mistura numa única linguagem impura e mista de comunicação, em que vale tudo. A arte tôda, forma um emaranhado que se apresenta como um repertório de formas e signos a serem utilizados para comunicar o artista de hoje, principalmente no Brasil, se tem o que comunicar pode entrar por tôdas as linguagens e gêneros que quizer. No teatro então, isto é particularmente óbvio. O teatro como representação de uma ação vital, parte do princípio que tudo é representável, assim eu poderia muito bem em vez de montar "Roda Viva", estar montando "A Banda". "A Banda" é uma canção que pode ser um filme, uma peça, um quadro, dependendo de uma re-leitura para embarcar em qualquer um dêsses gêneros. Nêste sentido Chico não se inicia no teatro, mas sim usa de uma linguagem mais próxima do teatro para comunicar-se. Sua peça é música, é cinema, é conto, enfim, é uma forma de expressão e de opção perante as coisas de Chico Buarque de Hollanda. E é óbvio que pelo nível de relação que êle conseguiu estabelecer com o público, pelo nível de sua arte, de sua linguagem, sua peça testemunha a mesma força comunicativa de suas músicas. Nêste sentido não é um passo gigante para um caminho de realização de autor teatral, nem creio que Chico pretenda isso, mas um passo na conquista da expressão de tôda sua experiência de comunicação estética com seu público. Amanhã êle poderá fazer um filme ou uma novela, por que não? E estará dando seu passo na realização de sua obra de criação.

- Se a peça fôsse de um Benedito qualquer você acreditaria igualmente no sucesso?
- Claro que sim. Tanto assim que acredito que ela vai não sòmente corresponder, mas ultrapassar a expectativa. O público vai conhecer os outros rostos de Chico. O que aliás é normal, pois é muito cêdo para Chico ser uma imagem coagulada e definitiva. Mas é evidente que o caso da peca se trata de um material de Chico Buarque, o sucesso crescerá. Não sòmente pelo aspecto mais evidente da popularidade de Chico, como também pelo fato de dizer respeito a uma matéria que interessa a todo público brasileiro. Aliás eu aceitei dirigir a peça por isso. Talvez sinceramente não tivesse o mesmo empenho se fôsse de outro autor. Mas como diretor, que oportunidade rara para optar e me manifestar sôbre êste material que é o fenômeno Chico e seu público! Meu estímulo para o espetáculo foi poder como diretor de teatro da minha geração lidar com um material mais consumido da minha geração. Mesmo se eu detestasse a peça e o Chico, eu seria uma besta de perder a oportunidade de trabalhar com esta matéria nas mãos. Neste sentido acho que a peça será de imenso sucesso, pois ela trata de um fenômeno nacional e foi escrita por outro fenômeno nacional. Estes fenômenos estão aí para serem expostos prá jambar, prá serem analisados, elucidados e sentidos.
- Você há de concordar que os principais nomes do elenco são pouco conhecidos em São Paulo. Você acredita que só o nome de Chico levará o público necessário, ou acredita mais na montagem da peça?
- Faz já um bom tempo que os nomes vedetes sòmente afastam o público invés de trazê-lo ao teatro. Eu estou trabalhando com uma equipe sensacional treze atôres recém saídos do Conservatório, sem qualquer ranço teatral, trazendo para a cena uma vitalidade nova e uma verdade humana mais recente para os palcos êles fazem o côro, dansam, cantam, representam, e duvido que qualquer elenco autômato e edulco-

rado da Broadway conseguiria: é um côro ultra brasileiro, na base da violência de expressão, do anti-charme cafono da Broadway e que compensa em inteligência e garra, tudo que falta em técnica: são geniais e porraloucas! Depois trabalho com cinco atôres da nova geração, é só o que eu quero. Eles com sua visão mais agressiva de sua relação com o público vão transmitir fluidos mais positivos para o público e irão atraí-los às pampas, mesmo que fôr para sacudí-los no seu marasmo e na sua apatia. Agora é claro que o Chico vai trazer sua multidão para o teatro, mas esta multidão vai se dobrar em contacto com o espetáculo, ou se dividir ao meio, o que é possível também. Quanto ao fato de acreditar mais na peça que na montagem, isto não existe. Para mim é tudo uma coisa só, como expressão única nunca consigo separar uma coisa da outra. No momento em que, como diretor, eu releio o texto do autor, êste passa meu texto e o que encontro no texto, ou a propósito do texto, passa a ser do autor. é uma objeção em si o espetáculo nem do Chico, nem meu, nem do Castilho, que é um ótimo diretor musical. (compositores associados, como diz o Chico), nem do cenógrafo Flavio Império que vai falar pacas com sua cenografia. O espetáculo é todos nós.

— "Roda Viva" é uma auto-biografia de Chico Buarque de Hollanda?

— Não! A não ser em pequeno trecho do segundo ato. Mas introduz uma nova visão na biografia do Chico. Eu até sugerí que o cartaz da peça fôsse o Chico num açougue. Ou os olhos verdes do Chico boiando como dois ovos numa posta de fígado crú. Foi assim que eu vi Chico do "Roda Viva". — A peça teria condições de fazer sucesso montada em outro país?

 Espero que o Itamarati crie condições para êste teste.

- Plinio Marcos foi a grande revelação de 67. Você acredita que se o Chico continuar escrevendo poderá ser o Plinio de 68?
- Se a coisa é na base do autor 67, 68, eu estou muito curioso e quero montar o autor 69. Ainda bem que Chico foi lançado êste ano. Espero que em 69 seja uma dramaturga.

— O assunto do momento: Você aceita — e acha necessário — o palavrão no teatro?

— O palavrão existe no teatro e graças a Deus fora dêle também — e as autoridades até deveriam prestigiar o palavrão, pois se não fôsse êle acho que êste regime já teria caído. Como êle hoje em dia no Brasil é necessário no pão nosso de cada dia!! E como êle descarrega!!! Acho que nunca se falou tanto palavrão no Brasil como hoje em dia. Por que?

— Como você situa o teatro brasileiro? Acha que êle poderá sobreviver apesar das crises econômicas, do subdesenvolvimento da nossa censura e da tão anunciada falta de público?

— Acho que não. Aliás, não sòmente o teatro não sobrevive nêste país se alguma coisa não se modificar. Eu sinto que nossa geração está no limiar: todo esfôrço do pessoal de teatro, cinema, etc., está dando com os burros nágua em virtude da situação de crise econômica permanente e de progressivo terrorismo cultural. O esfôrço criador é imenso e a eficiência incrível, super desenvolvida, maravilhosa, racional que a censura fêz para destruir tudo, é maior



ainda. No setor público é das raras coisas que funcionam nêste país e com isso nós todos ou tomamos uma providência séria ou vamos ter uma vergonha imensa de nos encontrarmos uns com os outros. Estou só querendo esconder nossa castração progressiva e triste.

- Os chamados donos de teatros estão preferindo montar "shows" musicais onde afirmam gastar menos e ganhar mais. Você aceita êste tipo de montagem?
- Eu aceito qualquer montagem, mas esta história de gastar pouco para ganhar mais não resolve. O negócio é gastar o que fôr preciso para ganhar muito mesmo.
- Por que as peças culturais não fazem sucesso? Nosso público ainda não está preparado para um bom teatro? Nossas montagens podem ser comparadas às melhores do mundo?
- Quem inventou isso de que as pecas culturais não fazem sucesso? Talvez êsse nome "peça cultural" é que cheirou um pouco mal, deve ser invenção do teatro cafono de Boulevard para destruir o que acabou com êle. Hoje em dia sòmente fazem sucesso as pecas que tenham um sentido de choque cultural Com TV à tôda, a única função do teatro será a de auto penetração coletiva e discussões de nossas mitologias mais recalcadas e profundas, de nossas neuroses coletivas - e são muitas!!! O teatro tem que exercer sua função de diálogo cara a cara com o público - e é êste encontro que nós brasileiros de classe média nos furtamos a todo momento: que se tem de acontecer que aconteca no teatro.
- E novela de televisão ela esmaga um ator no sentido da palavra ape-

sar de consagrá-lo junto ao público, como é o caso de vários "canastrões" que foram transformados em ídolos? É a mesma engrenagem da "Roda Viva" do Chico?

 O fato de ser ou n\u00e3o ser canastr\u00e3o não importa tanto, talvez ajude um pouco o indivíduo a ser ídolo - um temperamento de ator com uma personalidade revolucionária. mais complexa. mais criativa, talvez não servisse, talvez a imagem de uma TV censurada e totalmente comercializada precise mesmo de canastrões - mesmo porque o público médio de TV é ultra canastrão. Quando não se pretende mais de um indivíduo do que vender-lhe sabonete, acho que mesmo o autor não sendo um canastrão (conheço vários que não são e que fazem da TV um meio de vida e são meus amigos) - é conveniente se castrar, esquecer seu estômago e sua cabeca e ser um boneco estúpido, entretanto não creio que o mal seja da novela em si, e das comunicações de massa, o problema é o da censura e o da TV existir como veículo de vendas tão sòmente. sem o menor sentido cultural de diálogo de uma sociedade de massas com seus modêlos — Os modêlos são impostos e fabricados sem nenhum sentido como veículo de consumo: uma sociedade que pode consumir, consome seus cacarecos e muito bem, é o que êles tem que fazer. Mas no Brasil onde existe todo um esquema de necessidade de revolução social e política a TV como se estrutura hoje é um ópio do povo. É neste sentido que ela aparece em "Roda Viva" e ela passa a canalizar para seu universo de conformismo, tôdas as revoltas latentes. Assim no primeiro ato, todo o sentido religioso da TV fornecendo meios



Italmocassim

A VENDA NAS MELHORES CASAS

Próxima estréia

no Galpão

O CEMITÉRIO

DE

AUTOMÓVEIS

de

Arrabal

direção

de

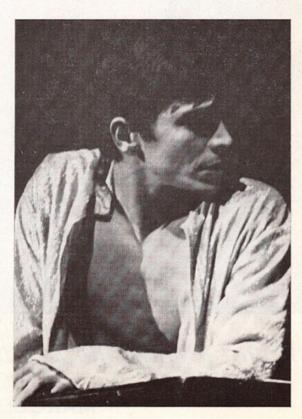
Vitor Garcia

de satisfazer misticamente todo o anseio de consumo do povo que não poderá consumir: Ben Silver - o ídolo de prata. O ídolo é devorado e idolatrado enquanto representa aquêle membro da comunidade que consome mais que todos. No segundo ato a fossa do ídolo, o drama do ídolo vendido e alimenta tôda a "fossinha nacional", finalmente sua revolta política é logo canalizada para a festividade, para a bossa "Poder Jovem", para a grandiloquência de sê-lo comemorativo à TV, capitaliza e vende a imagem bossinha e esquerdinha do ídolo, até vender a sua morte. O espetáculo termina com mais uma mistificação. O "hippie" apalhaçado, importado, o culto da margarida e terminado o espetáculo Programa de TV — tudo volta ao seu lugar, nada se passa — a banda passa - e tudo continua na mesma, muito barulho por nada.

- Por que o Teatro sério não fez sucesso na televisão? Culpa do público ou do horário em que eram montados?
- O teatro nunca foi montado sèriamente na TV. Na Europa alguns canais que fazem peças dão a mesma importância que dariam se êste espetáculo fôsse estrear numa casa de espetáculos importante ou como se rodasse um filme. Os ensáios levam o tempo que a peça normalmente exigiria: são feitos cenários, figurinos especiais, música, etc., e a coisa é divulgada com a antecedência até o dia em que a peça vai ao ar. Neste dia os receptores captam um espetáculo da qualidade de um bom filme ou de uma peca no teatro e não um improviso como sempre foi o caso na TV brasileira. Eu vi "Pequenos Burgueses" na TV italiana, era um grande espetáculo, o vídeo tape italiano depois foi dublado e passou por tôda a TV européia, foi um enorme sucesso, é claro que não serve para vender sabonete. pois a peca era tão boa e interessante que o espectador depois dela podia até ficar sem tomar banho uma semana.
- Alguém pode viver de teatro no Brasil?
- Eu vivo. Mal, como a maioria do nosso povo, mas vivo.



Marieta Severo



Heleno Prestes



Aroma perfumado... Eau de Cologne "FEMME"

MARCEL ROCHAS

nos revendedores autorizados

RODA VIVA — em dois atos — de Chico Buarque de Hollanda

Direção JOSÉ CELSO MARTINEZ CORREA

Cenários e figurinos FLÁVIO IMPÉRIO

Direção musical CARLOS CASTILHO Coreografia KLAUSS VIANNA

Produção executiva RENATO CORREA DE CASTRO

PEDRO STEPANENKO

Assistente de direção ANTÔNIO PEDRO Assistente de direção musical ZELÃO Assistente de coreografia JURA OTERO

Assistente de produção DULCE MAIA SYLVIO MOTTA ROBERTO LESSA

Elenco — por ordem de entrada

HELENO PRESTES Benedito Silva

Ben Silver

Benedito Lampião

ANTÔNIO PEDRO Anjo da Guarda

MARIETA SEVERO Juliana

Juju

FLÁVIO SÃO THIAGO Capeta

PAULO CÉSAR PEREIO Mané

Côro — por ordem alfabética

ANGELA VASCONCELLOS ANDRÉ VALLI

ANTÔNIO VASCONCELLOS

EUDÓSIA ACUÑA

ÉRICO VIDAL

FÁBIO CAMARGO

JURA OTERO

MARIA ALICE FARIA

MARIA JOSÉ MOTA

MARGOT BAIRD

PEDRO PAULO RANGEL

SAMUEL COSTA

Músicos — Quinteto Roda Viva

LUIZ DUARTE órgão

BRECHOV bateria

TIÃO baixo

violão

GUAXININ piston

ZELÃO guitarra

viola

violão

Equipe técnica

Execução do cenário FLORIVAL SOARES Execução do guarda roupa LAURA SANTOS

Execução dos adereços CLINTON

ANTÔNIO CUNHA

Execução dos painéis RUBENS

Slides DAVID ZINGG

Contra-regras IDANILO ARAUJO

JOSÉ LUÍS

Iluminação DÉCIO LOPES Administração geral PEDRO STAPANENKO



Antônio Pedro



Roda Viva é texto e espetáculo nascidos da Música como é posta na televisão, nos têrmos em que ela se apresenta como mercadoria, em que serve a todo esquema de investimentos empresariais e desta maneira ganha o aspecto de "fundo musical" a todos aqueles elementos considerados comerciais.

Daí a necessidade de uma estrutura musical calcada no sucesso do momento, nas formas musicais da moda, no que está acontecendo no mercado do disco que é para onde se escoam todos os sons da televisão e onde se consolidam os lucros. A linha de composição das canções específicas, as que definem determinados personagens são baseadas nos últimos sucessos, não sendo necessário discriminá-los, fois fica bem claro ao público.

A forma descritiva usada é litúrgica, que acompanha a idéia da montagem da história. Na comparação do nascimento, vida e morte do ídolo, segue elementos de cantochão, também formalizados nos têrmos em que é posto para consumo através de um modalismo cinemascópico. (Aliás, imagem e som de cinema quase que se misturam à televisão como técnica de montagem).

Outros elementos são inseridos como crítica à mecânica das personagens e dinâmica de espetáculo.

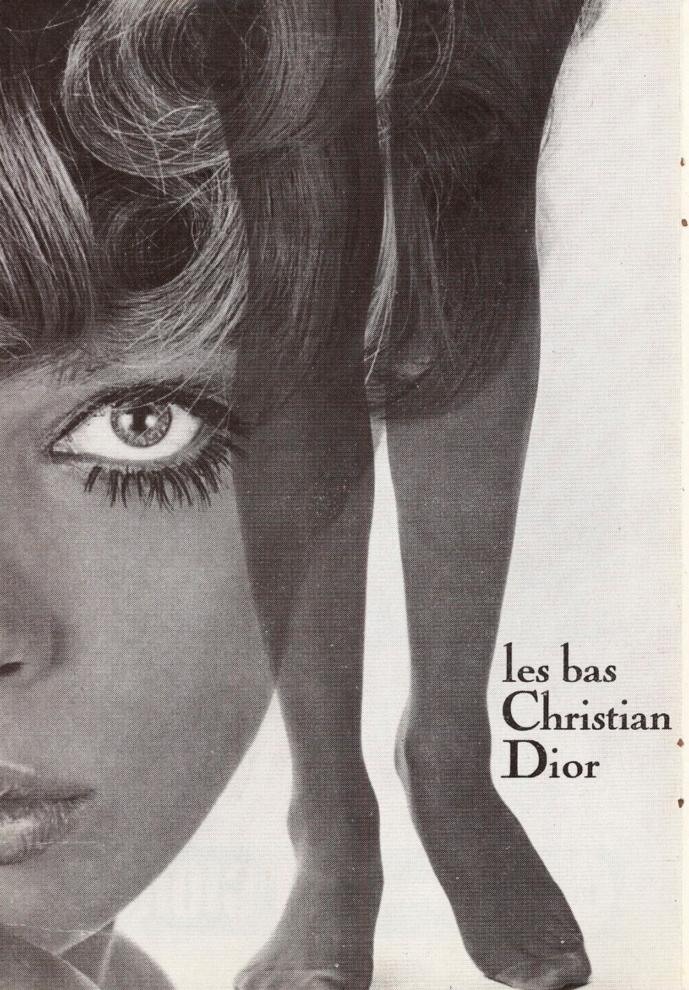
A linha melódica mais usada é a melopéia, que sendo de natureza obstinada, serve à idéia que se pretende transmitir ao público tornando-a redundante pela repetição. Essa forma é usada quase que exclusivamente em cenas de participação do côro.

A percussão tem papel destacado não só como mecânica mas também participando da idéia do todo. Na cena final na morte de Benedito Lampião, ganha forma de "show" jazzístico.

Em síntese: em Roda Viva, a música serve ao "espetáculo espetaculoso" e tudo com o toque do estilo melancólico de Chico Buarque, não só fisicamente comprometido com seu texto, mas também com sua época.

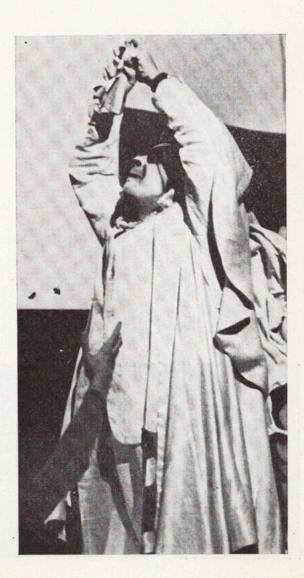
Carlos Castilho







Paulo César Pereio

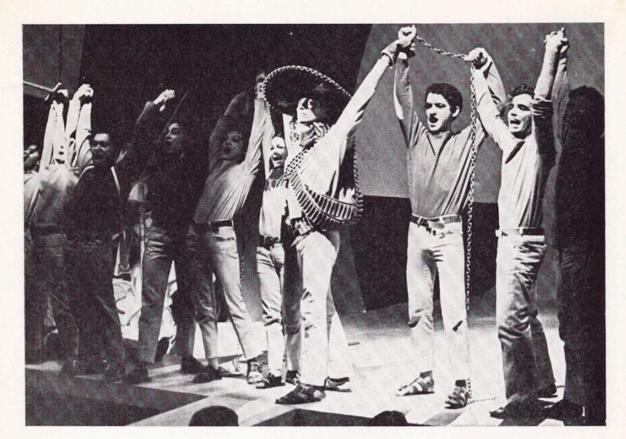


Flávio São Thiago



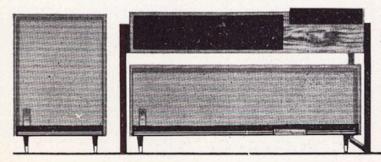
Uma cena do côro





Uma cena do côro





AQUARELAIII

Stereofonia c/Personalidade Sonora Harmoniosas Linhas Estéticas

> À venda nas boas casas do ramo Importante: Assist, técnica exclusiva do fabricante

TATERKA & Cia

Rua Fabia, 836 (Lapa) - Tel. 65-2872

OS ÚLTIMOS

de

Gorki

no

Teatro Cacilda Becker





PIRES GERMANO S.A.

CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO.

(FINANCIAMENTO ABSOLUTAMENTE SEGURO À INDÚSTRIA, COMÉRCIO E AGRICULTURA).

Rua Boa Vista, 254 – 10º and.-tels. 32-1090-32-5218 33-9209-São Paulo.



Zelão



Os produtores de RODA VIVA agradecem a

Henning A. Boclesen

Howard Dutemple

Nelson Leirner

Adolpho Leirner

Lan-Over

Max Factor do Brasil

Mendes Teperman

Diatron Eletrônica S. A. Orgãos Eletrônicos

REPERTÓRIO APRESENTADO

Mãc Coragem Bertolt Brecht

Antigone América Carlos H. Escobar

Males da Juventude Buchner

Ópera dos três tostões Bertolt Brecht

TEATRO RUTH ESCOBAR

Sala O GALPÃO

Sala GIL VICENTE

R. dos Ingleses, 209 Tel. 35-8843 São Paulo Soraya, posto 2 Pedro Bloch

O casamento do Sr. Mississippi Friedrich Duerrenmatt

A pena e a lei Ariano Suassuna

Dosgraças de uma criancinha Martins Penna

O terrível capitão do mato Martins Penna

A farsa do mestre Patelin Autor desconhecido

As fúrias Rafael Alberti

Júlio César Shakespeare

Os trinta milhões do americano Eugène Labiche

O versátil Mr. Sloane Joe Orton

O estranho casal Neil Simon

Direção geral

Lisístrata Aristófanes

Wladimir Pereira Cardoso

Este ôvo é um galo Lauro Cesar Muniz

Administração

Moema Brum

ESPETÁCULOS PROGRAMADOS

Assistência jurídica

Soc. Civil de Consultores Jurídicos — Audilex O cemitério de automóveis Arrabal direção de Victor Garcia

Flávia - cabeça, tronco e membros Millôr Fernandes

guia noturno

- AO FRANCISCANO R. da Consolação, 297. Tel. 35-9504. Churrascaria e cozinha internacional. Ambiente típico europeu. Almoços diários. Jantares musicados pela orquestra Tibor. Chopp Brahma. Estacionamento privativo.
- DECK Av. 9 de Julho, 5335. Jardim Europa. Restaurante - Bar - Salão de Chá. Luxuoso ambiente. Estacionamento privativo. "Deck-Park Service". Atendimento em seu carro.
- AO TERRAÇO ITÁLIA Av. Ipiranga esquina São Luís, 46.º andar. Tel. 36-3365. Um jardim no espaço. Cartão de visitas da cidade de São Paulo. Serviço esmerado. Aberto diàriamente para aperitivos, almôço, chá, jantar e banquetes. Feijoada aos sábados.
- FRONTEIRA R. Epitácio Pessoa, 136. Super churrascaria típica gaúcha. Aberta diàriamente para almôço, jantar e madrugada. Feijoada às quartas e sábados.
- BLOW-UP R. Augusta, 943. Tel. 34-9239. Boite moderna e avançada, decorada por Wesley Duke Lee. Restaurante com cozinha internacional. Diàriamente os melhores "shows" da noite paulistana, produzidos pela dupla Mièle & Bôscoli.
- KOEBES Av. Santo Amaro, 5394. Restaurante típico alemão. Especialidade "chicken-pie", aos sábados e domingos. Aberto diàriamente para almôço e jantar, das 11 às 24 horas. Facilidade para estacionamento.
- BONGIOVANNI Av. 9 de Julho, 5511. Tel. 81-8935. Jardim Europa. O seu restaurante com meio século de tradição. Restaurante típico italiano. Massas, grelhados e cozinha internacional. Jantar diário. Almôço aos sábados, domingos e feriados. Aberto até a madrugada. Fechado às segundas-feiras.
- OS VIKINGS R. Nestor Pestana, 189. Tel. 239-3490. Original tipo de restaurante. Especialidades escandinavas e internacionais; 70 pratos diferentes a preço fixo. Aberto diàriamente para almôço, chá e jantar. Estacionamento grátis. Chopp Antarctica.

A elaboração e a cobertura publicitária dêste programa estão confiadas à PROGRAM Edição e Publicidade Ltda. S/C

Rua 7 de Abril, 404 – 5.º andar – conj. 51-B – Tel. 62-3171 – São Paulo A responsabilidade pela matéria redatorial é da companhia produtora do espetáculo. À Lito-Press Ltda. coube a impressão.

O que aconteceu, rigorosamente, quando da participação dos partigiani na segunda guerra mundial? O autor descreve os acontecimentos nefastos de forma fascinante, as suas páginas lembram a pintura de Goya. É imprescindível a leitura de "O Salto no Escuro", para maior compreensão do mundo de hoje.

LIVRARIA QUATRO ARTES EDITORA

Rua Sete de Abril, 125 - loja 10 - Tel. 33-3694 - São Paulo

